

Eles dizem que ficam... nós ficamos

A política deve ter um conteúdo informativo e cívico. Anuncia mitos, aponta modelos, indica objectivos, apresenta percursos. A mensagem política e o debate que deve promover é indispensável ao nosso trabalho. Mas os políticos teimam em substituir a política pela publicidade. O espaço da política não pode ser o do mercado. Nem o político um mero produto promocional.

"Eu fico". Disse ele neste fim de Agosto. Ninguém o impeça de ficar. Não diz como fica, mas fica. Fica de mãos a abanar. Fica na mesma. Fica na dele. Fica na expectativa de ver o que acontece. Fica a olhar para as nuvens. Fica com uma pontinha de inveja. Fica na esperança de ser grande. Fica à tua espera. Fica desesperado. Fica invejoso. Fica magro. Fica gordo. Fico parvo. Fica espertalhão. Fica, pronto. Não se sabe até quando fica. Ficará até Setembro, meados de Outubro, até Dezembro? Fica enquanto lhe apetecer, pronto. Fica à espera de não ser o último classificado. Fica com esperança de ser ao menos vereador. Fica nem que seja para presidente da junta, ou vogal ou tesoureiro ou suplente. Em qualquer caso aqui fica o meu programa político: "Eu Fico". É isto que eu quero, é este o meu programa. Alô esquerdistas! Alô centristas vacilantes! Alô independentes! Alô desalinados! Alô anarquistas! Alô comunistas! Alô socialistas! Alô povinho em geral, cuidem-se: "Eu fico".

A política pode ter gosto

Livros e artigos para ler. Noites e dias para discutir. Problemas para pensar e resolver. Coisas para fazer. Associações em que participar. Problemas comuns a equacionar. Ideias a produzir. A política pode dar gosto. As organizações políticas podiam ser intelectuais colectivos. Só que agora, a julgar por estas posturas e pelo modo como a comunicação social a trata ficamo-nos no "marketink" mais reles. E pelo que me é dado ler nos cartazes já afixados a doença atinge todas as áreas. Até marxistas de Karl, passaram a marxistas de Groucho. Programa político semelhante ao do joven frenético lisboeta só o da concorrência por esse país. Mas já lá vamos à concorrência porque o pai político dele surpreendeu-nos na Galiza.

O velho Fraga Iribarne, «el presidente del PP in Galicia», decidiu-se pela antecipação de eleições na região. Na conferência de imprensa em que anunciou tal decisão, e o propósito de se voltar a candidatar ao cargo de presidente do governo autónomo, distribuiu aos jornalistas um certificado médico atestando a sua boa saúde física. O certificado atesta que, pese a idade, está bom de urinas, razoável de varizes, de sangue e de colesterol. É por isso que eu digo que melhor programa político do que o de Paulo Portas: "Eu fico" é o de Fraga: "Eu sobrevivo". Programas de grande densidade política e cívica como se percebe.

A verdade é que quer o jovem PP de Portugal quer o velho PP de "Galicia" sem atestado médico não seriam credíveis: o aspecto físico é duvidoso. O jovem tem, de quando em vez, um olhar e uns gestos bruscos que me fazem lembrar alguns alunos e alunas depois de beberem umas cervejas e de aspirarem dois riscos de coca. Quanto ao velho, a dificuldade em falar claro, as fugas de memória, a perda de sentido das frases, o desequilíbrio no andar, transmitem-nos uma má sensação. Mais do que atestar que tem glóbulos seria melhor atestar que tem neurónios.

Nunca importou a idade. Todos conhecemos jovens velhos e velhos jovens. Agora que sabemos que a brevidade ou longevidade da vida estão marcados pelo cromossoma quatro ainda faz menos sentido o discurso do velho e do novo. Do que precisamos é de política e não da publicidade sobre os indivíduos que se candidatam à actividade política. Dos aqui referidos sabemos que são capazes de erguer casas como o porquinho bolão, destruir florestas a sopro como o lobo, dar cabo da flora marítima espezinhando o mar a passadas largas. Um ameaça ficar o outro sobreviver. Têm uma ideia tão avantajada de si que isto basta para que o povo lhes dê o cargo.

São muitos os que hoje querem que a ciência e a técnica substituam o juízo político. Por isso o certificado médico - estrutura da democracia sanitária - ou a pose desportiva - base da democracia de peito feito - ou o programa musical - base da democracia melómana - chegam para nos esclarecer.

Aceitando estas novas correntes ideológicas podíamos começar a exigir - agora que está na moda tudo certificar - certidões de capacitação política. O que implica longos debates e muito trabalho na elaboração das tabelas de valoração dos candidatos. Imagine-se já, calibre, textura, tempo de maturação, peso, idade, tom de voz, capacidade gestual...Muito trabalho. Um bom debate nacional. E no fim uma auscultação popular dos modelos.

Quanto a estes dois a coisa está feita. O jovem pode ainda apresentar, como carta de conforto eleitoral, a lista dos seus esforços por feiras e mercados, a sua versatilidade em adaptar a farpela ao evento a divulgar, a sua sagacidade no campo em se dependurar das tetas das vacas mesmo neste tempo de ordenha mecânica, o seu ávontade a visitar pocilgas, o seu jeito para acariciar crianças, abraçar jovens e beijocar velhotas populares. Quanto ao velho já apresentou o certificado médico que atesta ainda estar vivo. Falta só fazer-se filmar. Mostrar, talvez, capacidade de caçador, jeito para tratar da couve galega e dos tomates da horta. Habilidade no lançamento do anzol em alto mar. Mesmo discretamente amparado lá será filmado. Mais um mandato.

Sobre a mensagem política destes dois génios estamos conversados. Mas não pensem que eles, pela genialidade

da sua mensagem, têm o voto do povo no bolso. A concorrência não lhe fica atrás. Basta-me descer a minha rua para perceber que o "marketing" político joga duro seja onde for.

Se em Lisboa um diz que fica, no Porto outros dizem que são alternativa. A que, a quem, para fazer o quê. Querem "o melhor para o Porto". Quem não quer? Só se forem os de Lisboa que os de cá todos querem.

Outro é mais ameaçador. Não diz que fica, ameaça voltar, e diz que quer "continuar a nova cidade". Ora nós, pobres habitantes, só temos a velha cidade e gostaríamos de a ver mais lavadinha, mais airosa e arranjadinha. Mas não. Este quer "continuar a nova cidade". A coisa é perigosa. Deve estar a querer dizer que vai "qualificar" mais zonas urbanas nas redondezas e que a selva urbana que nos rodeia vai adençar.

Outro passou-se. Diz que traz "o Porto no coração". Isto é preocupante. Um perigo. Com tanta casa velha, tanto buraco na rua, tanta telha a querer cair, para além do coração atravancado, corre o risco de derrocada, de enfarte. Sugiro que tire o Porto do coração. Pode fazer-lhe mal. Não precisa de alterar a linha ideológica. Fica tudo na mesma, só que menos perigoso, se disser "o Porto nas palminhas". Talvez até fique melhor. É mais carinhoso. Menos sanguíneo. O povo gosta das palminhas. Faz lembrar a pitinha pos um ovo, etc.

Caros colegas e amigos. Estes políticos são os mesmos que andam por aí a dizer que o nosso trabalho de escola é uma miséria e que temos de ensinar e educar melhor as chamadas novas gerações. São os mesmos que exigem "rankings" de escolas como se o trabalho de educar se possa encarar como um concurso desportivo. São os mesmos que irão querer hierarquizar hospitais, tribunais, cadeias, porque para eles a vida não passa de competição e de segregação de melhores e de piores, segundo os seus critérios. São os mesmos que todos os dias divulgam uma imagem negra do nosso trabalho. São os mesmos que contribuem para o desprestígio da escola e dos professores e fomentam a desconfiança da população. São os mesmos que mitificam a escola do passado, a que já não existe e por isso se não pode avaliar. São os mesmos que directa ou indirectamente passam certificados públicos de incompetência aos nossos alunos e ex-alunos. São os mesmos que quando se candidatam, como acontece agora, não apresentam uma ideia, um objectivo, um rumo, um compromisso sério sobre as suas responsabilidades para com a comunidade educativa que querem governar. São, como constatamos, os políticos que vêm no seu umbigo uma piscina funda, e mergulham. São produtos, não são políticos.

Neste primeiro período lectivo é preciso exigir-lhes maiores responsabilidades para com o ensino. Autarquia a autarquia exigimos uma carta de compromisso educativo. Um programa que se possa avaliar durante e no final dos mandatos.

Eles ameaçam ficar e ficam. Não sabemos para quê, nem durante quanto tempo. Nós professores sabemos que ficamos. Com as escolas que temos. Com os alunos que temos. Os meios de trabalho que temos. Os pais dos alunos que temos. Ficamos para dia a dia trabalhar para ensinar, aprender, educar. Façamos também, deste nosso trabalho uma exigência política. Como já tenho dito e escrito o P de professor não dispensa, antes exige, o P de política. Neste tempo de pré-campanha e de campanha chamemos os políticos às escolas. Não para a propaganda, mas para compromissos concretos.

José Paulo Serralheiro